

O LUGAR DOS SONHOS NO XAMANISMO YANOMAMI: UMA INTERPRETAÇÃO DE A QUEDA DO CÉU

Data de submissão: 09/08/2023

Data de aceite: 02/10/2023

Carolina de Alencar Monteiro Hipolito

Orientadora: Mariza Martins Furquim

Werneck

Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo: Faculdade de Ciências Sociais

São Paulo - SP

<http://lattes.cnpq.br/1409363529807739>

RESUMO: Este presente artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, com a duração de um ano (2021-2022), na qual foram analisadas diversas questões com a temática onírica e o xamanismo, como a importância dos sonhos dentro do contexto xamânico, os xamãs yanomami e a relevância de seus sonhos para o aspecto sociocultural yanomami. Para isso, foi utilizado, como grande referencial teórico, o livro originalmente publicado em 2010: “A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami”. Como afirma o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, autor do prólogo do livro, a obra é “uma narrativa etnográfica ao mesmo tempo poética e filosófica, crítica e reflexiva. Este é um livro sobre o Brasil.” (DE CASTRO, 2015, p.12). Uma obra que embarca na longa trajetória do ativista e xamã yanomami Davi Kopenawa que, ao relatar sua vida para o antropólogo Bruce Albert, discorre sobre

seu povo yanomami, sua cultura ancestral, os costumes do cotidiano e questões que enfrentam como povo minoritário. Um dos principais marcos da cultura yanomami, além de ser um símbolo ativo de resistência ao “liquidificador modernizante do ocidente” - frase usada por Eduardo Viveiros de Castro - é a conexão minuciosa que estabelece com a natureza e com o mundo metafísico, e que se expressa por meio do xamanismo. Assim, este artigo tem como objetivo principal, mergulhar no misterioso mundo dos sonhos e revelar a importância da atividade onírica para o povo yanomami. Este povo, com sua cosmovisão coletivista de integração, tem lutado, desde os primeiros contatos com a sociedade ocidental, contra diversos formatos de violências. Faz-se necessário, portanto, compreender a cosmovisão yanomami e suas concepções metafísicas da floresta e da terra que, de acordo com o xamã Davi Kopenawa, só pode morrer e acabar, se for destruída pelos ‘napë’ (linguagem yanomami para estrangeiro, branco).

PALAVRAS-CHAVE: Xamanismo; Sonhos; Yanomami; Povos Indígenas; A Queda do Céu.

THE PLACE OF DREAMS IN YANOMAMI SHAMANISM: AN INTERPRETATION OF THE FALLING SKY

ABSTRACT: This present article is the result of a year-long scientific research project (2021-2022), in which various issues related to the theme of dreams and shamanism were analyzed, such as the importance of dreams within the shamanic context, the yanomami shamans and the relevance of dreams to the yanomami sociocultural aspect. For this purpose, the book originally published in 2010, “The Falling Sky: Words of a Yanomami Shaman”, was used as a significant theoretical reference. As stated by the Brazilian anthropologist Eduardo Viveiros de Castro, the author of the book’s prologue, the work is “an ethnographic narrative that is simultaneously poetic and philosophical, critical and reflective. This is a book about Brazil.” (DE CASTRO,2015,p.12). It embarks on the long journey of the activist and yanomami shaman Davi Kopenawa, who, when recounting his life to the anthropologist Bruce Albert, discusses his yanomami people, their ancestral culture, everyday customs and the issues they face as a minority group. One of the main markers of yanomami culture, besides being an active symbol of resistance to the “blender of modernity from the West” - a phrase used by Eduardo Viveiros de Castro - is the meticulous connection they establish with nature and the metaphysical world, expressed through shamanism. Therefore, the main objective of this article is to delve into the mysterious world of dreams and reveal the importance of dream activity for the yanomami people. These people, with their collectivist worldview of integration, have been fighting against various forms of violence since their first contact with Western society. Therefore, it is necessary to understand the yanomami worldview and their metaphysical conceptions of the forest and the land, which, according to shaman Davi Kopenawa, can only die and disappear if destroyed by “napë” (the Yanomami term for foreigners, white people).

KEYWORDS: Shamanism; Dreams; Yanomami; Indigenous People; The Falling Sky

1 | INTRODUÇÃO

“Será que sou um homem sonhando ser borboleta
ou sou uma borboleta sonhando ser homem?”

Mestre taoísta Chuang Tzu

Em uma antiga lenda chinesa, datada supostamente do século IV a.C, o filósofo taoísta Chuang Tzu, teria sonhado, vividamente, que era uma borboleta que voava bem alto por diversos locais. Ao despertar, se questionou se era mesmo um ser humano, que sonhou ser uma borboleta, ou se era uma borboleta agora, sonhando que era um ser humano? Qual a certeza de que essa experiência de vigília era a experiência “real”? Será que podemos confiar nos nossos sentidos e naquilo que acreditamos ser a existência? O que é este mundo onírico? Por que ele parece tão verdadeiro e genuíno quando estamos sonhando? São estas e outras questões que perpassam, desde as raízes da humanidade, o pensamento humano, os questionamentos filosóficos e as questões ontológicas do ser. Assim, o sonho se torna uma peça essencial que ronda estes temas, e como diria o neurocientista e especialista em sonhos, Sidarta Ribeiro, em seu livro “O Oráculo da Noite”:

“O sonho é essencial porque nos permite mergulhar profundamente nos subterrâneos da consciência.” (RIBEIRO,2019, p. 18)

O sonho é, então, um importante e necessário mecanismo de compreensão dos seres humanos. Especialmente depois dos primeiros estudos científicos ocidentais de Sigmund Freud, em 1900, em “A Interpretação dos Sonhos”, o material onírico passou a ser considerado uma atividade psíquica significativa, que carrega em si um rico acesso ao inconsciente e que diz muito a respeito do indivíduo sonhador. Posteriormente, Carl Jung, ao construir o conceito de ‘Inconsciente Coletivo’, afirma que este diz respeito a uma série de estruturas psíquicas, denominadas arquétipos, que precedem e afetam não só a psique individual, mas também coletiva. Assim, ele propõe uma dimensão mais profunda, social e histórica dos sonhos, sugerindo que eles podem indicar questões que dizem respeito à humanidade como um todo. Percebe-se, então, uma dimensão social do mundo onírico que, apesar de ser fundamental para o entendimento das diferentes sociedades, ainda é pouco explorada dentro dos estudos antropológicos e sociológicos. No entanto, o antropólogo Roger Bastide, em Sociologia e Psicanálise trouxe esta perspectiva. Para ele, o significado de cada sonho estabelece conexão com o tipo de civilização que se observa. Nas sociedades indígenas, por exemplo, o sonho exerce uma função extremamente social, tornando o sonho e o estado de vigília conectados entre si, fazendo com que o mundo onírico passe a ser usado como forma de ajuda para ultrapassar diversas questões do dia a dia. Um bom exemplo desta conexão entre sonho e sociedade se dá nas figuras dos xamãs, os especialistas da alma humana. Mircea Eliade, em suas obras “Mitos, Sonhos e Mistérios” e “Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase”, traz a figura do xamã como aquele que é um curandeiro, capaz de, por meio do êxtase, abandonar seu corpo físico e seguir em viagens espirituais. Por ser um condutor de almas, é capaz de restaurar a condição primordial dos seres humanos. Presentes em diversos tipos de sociedades, sobretudo em inúmeros povos indígenas, os xamãs são parte essencial da estrutura social e cultural, realizando rituais de vida – morte – renascimento. No momento do êxtase xamânico, ocorre a morte simbólica do corpo físico, dando lugar aos mistérios do espírito. Tal fator pode ocorrer por inúmeras vias, principalmente por meio de substâncias psicoativas alucinógenas, músicas/sons de tambor e sonhos. Para os xamãs, o mundo onírico é um momento de conexão espiritual, além de dar acesso ao desconhecido e às forças universais, sendo ele próprio um estado de alteração de consciência.

Sendo assim, a peça-chave deste artigo, que conecta todos os temas acima citados, é o livro, escrito em conjunto por Davi Kopenawa e Bruce Albert, “A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami”, uma obra que embarca na trajetória de Davi Kopenawa, enquanto um xamã do povo indígena yanomami. Um dos pontos essenciais do livro é, justamente, a riqueza de detalhes das vivências oníricas de Kopenawa. O livro, então, pode ser considerado um grande manual dos sonhos xamânicos yanomami e, conseqüentemente, uma obra que expõe a importância de se sonhar e de dar ouvidos às

importantes mensagens de sabedoria do povo yanomami. Os xamãs yanomami cumprem o fundamental papel de trazer as palavras dos espíritos – denominados por eles de *xapiris* – para o mundo, fazem uma conexão, dentro de sua cosmovisão, entre o mundo ‘visível’ e o ‘invisível’. Por meio do uso do pó de *yãkoana*, substância amazônica alucinógena, tirada da seiva das árvores *yãkoana hi*, e por meio dos sonhos, as palavras dos *xapiris* se revelam e a sabedoria ancestral se manifesta. Desta forma, para o povo yanomami, o sonho se revela como um aspecto elementar e primordial para a busca de conhecimento e sabedoria e influencia todo o coletivo e o social.

2 | DESENVOLVIMENTO

Durante o processo de análise dos sonhos presentes no livro “A Queda do Céu”, 4 temas principais foram percebidos dentro da atividade onírica relatada por Davi Kopenawa. Estes são:

1. Sonhos iniciáticos da infância;
2. Importância da substância ‘*yãkoana*’ para os sonhos dos xamãs;
3. Espíritos animais, Cosmovisão, Ancestrais e Mitos de Origem Yanomami;
4. Crítica aos brancos e a sociedade ocidental.

Desta maneira, neste artigo irei tratar especificamente sobre o tema 4: Crítica aos brancos e a sociedade ocidental.

Tema 4: Crítica aos brancos e a sociedade ocidental:

Entre os sonhos narrados em “A Queda do Céu”, um dos temas que mais se destacam é a reflexão que Davi constrói sobre a relação entre o indígena yanomami e o *napë*, o branco. Kopenawa utiliza-se de seus sonhos para dirigir uma crítica à sociedade ocidental e, mais do que isso, fazer um alerta acerca dos perigos que nós, enquanto humanidade, estamos enfrentando, por conta do *modus operandis* dos *napës*. Fica claro, durante a análise dos sonhos, que o maior pesadelo do xamã yanomami é, justamente, tudo aquilo que se relaciona com a destruição causada pela sociedade hegemônica. No capítulo 14 “Sonhar a Floresta”, Kopenawa narra como, já na vida adulta, ao começar a trabalhar perto dos brancos, passou a entender melhor, na prática, questões sobre a demarcação de terras e os funcionamentos e desejos da sociedade ocidental. Em suas viagens para trabalhar na FUNAI, pegando longos caminhos de estrada, costumava observar o desmatamento da floresta, e se lembrava dos muitos de seu povo que morreram devido a epidemias, trazidas pelos garimpeiros e os descasos das autoridades. Dava início, assim, às suas primeiras reflexões concretas sobre os brancos. Nesta mesma época, começou a estabelecer maior contato com a CCPY (Comissão Pró-Yanomami) em prol da defesa de suas terras e a se deslocar para as cidades dos brancos com o intuito de abrir os olhos das pessoas em relação aos acontecimentos – como garimpeiros e epidemias – que invadiam as terras

indígenas yanomami. Neste momento, Davi passou a entender seu maior propósito, o de defender a floresta e seu povo, e mostrar a importância de sua cultura para os não indígenas. Um fator que o ajudou, na época, em sua vontade de luta foi, justamente, o fato de já ser um xamã e já ter a palavra dos *xapiris* bem estabelecidas dentro de si. Ele afirma que quando estava sob o efeito da *yãkoana*, ou quando estava sonhando, surgiam as mais diversas imagens dos brancos retalhando a terra e, logo em seguida, a imagem de *Omama*, o grande criador que tudo que há, dentro da cosmovisão yanomami, aparecia. Nos mitos yanomami, os antigos brancos desenharam a terra deles para, assim, retalhá-la e vendê-la. Porém, nas palavras do autor:

Omama não quis, no entanto, que o mesmo ocorresse com nossa floresta. Disse aos ancestrais dos brancos, quando os criou: “A terra das gentes da floresta não será desenhada. Permanecerá inteira. De outro modo, eles não poderão mais abrir nela suas roças ou caçar como quiserem e acabarão todos morrendo. Vocês podem dividir a terra que dei a vocês, mas fiquem longe da deles!”. Apesar dessas antigas palavras, o pensamento dos brancos permanece cheio de esquecimento. Eles não sabem sonhar e não sabem como fazer dançar as imagens de seus antepassados. Se as escutassem, elas os impediriam de invadir nossa terra. (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.327)

Desta forma, o processo de se tornar um xamã, se conectando com os espíritos ancestrais das florestas por meio dos sonhos, foi um caminho essencial para que Kopenawa pudesse se entender como peça-chave da resistência indígena na fala com os não indígenas. Na tradição yanomami, os espíritos *xapiris*, que sustentam o pensamento, servem como uma espécie de espaço essencial de conhecimento sobre todas as coisas, incluindo sobre os brancos. Em seu discurso, Kopenawa diz que foi através das mensagens que recebeu dos *xapiris*, enquanto um xamã, que ele de fato conseguiu compreender que a floresta não é infinita, que há muitas questões envolvidas no que tange às terras – incluindo seu território yanomami – e a necessidade de se lutar em prol da floresta e de seu povo. Assim diz, sobre a floresta e a relação com os brancos: “Queremos continuar vivendo nela sozinhos, com a mente calma, como nossos antepassados antigamente. Não queremos mais morrer antes de envelhecer. Não queremos mais que nossos filhos e nossas mulheres chorem de fome. Quando nos misturamos com os brancos, tudo começa a dar errado.” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.331) Então, os sonhos, neste seguimento, servem de acesso à sabedoria dos espíritos, que viajam e mostram por intermédio dos xamãs, todas as questões envolvendo os não indígenas.

É com base neste contexto que, no capítulo 15 “Comedores da Terra”, Davi relembra o período desafiador do final da década de 1980, quando ocorreu um boom no número de invasões de garimpeiros em terras yanomami, gerando uma epidemia de doenças – como a malária – e um extermínio de cerca de 15% da população yanomami. Davi Kopenawa tinha muita dificuldade em conseguir dormir e, quando conseguia, seus sonhos muitas vezes reforçavam e refletiam o terror que seu povo estava vivendo. Nessa época, ele trabalhava

e morava no posto da FUNAI de Demini, com seu filho e sua mulher, e tinha acabado de se tornar, oficialmente, um xamã. Assim, nos momentos em que sonhava, sempre via figuras de garimpeiros o atacando. Eles indicavam seu nome para rezadores da cidade, pedindo para que enfraquecessem e calassem Kopenawa. Eles diziam: “Precisamos nos livrar desse Davi, que quer nos impedir de trabalhar na floresta! Ele sabe nossa língua e é nosso inimigo. Estamos cheios dele, está nos atrapalhando! Esses yanomami são sujos e preguiçosos. Têm de desaparecer para podermos procurar ouro em paz! É preciso enfumaçá-los de epidemias!”. (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.349) Via também imagens de helicópteros, com os espíritos dos rezadores ameaçando sua vida. No mundo onírico, observava aviões de guerras e espíritos de soldados tentando pegá-lo, porém, seus *xapiris* guerreiros, que possuem armas parecidas com as dos brancos, chamados de *purusianari*, logo desciam para combatê-los e levá-los para o vácuo. Assim, enquanto seu corpo estava tranquilamente dormindo, sua imagem e seus mais diversos espíritos *xapiris* estavam lutando contra estes rezadores. Em seus primeiros sonhos nesta temática, os espíritos maléficos dos rezadores se mostravam mais fortes e conseguiam prender a imagem de Davi Kopenawa em uma espécie de prisão. Porém, com a ajuda dos *xapiris* de outros xamãs mais experientes, como os espíritos gavião *koimari* ou espíritos sucuris, ele se tornava apto para escapar e atacar estes rezadores e, desta maneira, conforme o tempo foi passando, seus sonhos em relação a este tema já não o assustavam tanto e ele já sabia o que tinha que ser feito para se proteger. No entanto, mesmo assim, neste período de sua vida, em estado de vigília - na mesma época da morte de Chico Mendes, grande defensor das florestas - Kopenawa vivia com um constante medo de ser assassinado e evitava ir para a cidade pois sabia que, assim como em seus sonhos, havia pessoas que não queriam seu bem. Chegou até mesmo a ouvir diversas ameaças de morte vindas de garimpeiros.

Já no capítulo 16 “O Ouro Canibal”, o autor, ao analisar a questão da extração de minérios, metais e petróleo, prática costumeira da sociedade ocidental, traz a perspectiva yanomami sobre tal fato. Para eles, estes minérios estão nas profundezas da terra pois são extremamente maléficos e perigosos para os seres humanos. *Omama*, escondeu-os no chão da floresta, justamente para não deixar nenhum indivíduo doente. No mito yanomami, a floresta é uma espécie de carne, a pele do planeta terra e estes metais, propositalmente escondidos por *Omama*, são como se fossem esqueletos da terra, sendo necessários para o bom funcionamento do planeta. Porém, os *napês*, com sua constante sede por mercadorias, continuam entrando em contato com estas substâncias, achando que são, de certa forma, invencíveis. *Yoasi*, irmão de *Omama*, então, conseguiu fazer com que estes metais chegassem nos ancestrais dos brancos, que começaram a explorar e invadir a terra, sem nenhum tipo de limite. O autor diz que a palavra de *Yoasi*, o criador da morte, está intrinsecamente ligada e conectada com os *napês*. Kopenawa conta um sonho que teve em uma noite, no qual os *xapiris* lhe mostraram que os minérios debaixo da terra, nada mais eram do que pedaços do céu, da lua, das estrelas, do sol, criadas por *Omama* e que

caíram no primeiro tempo. Estes minérios são fragmentos do céu *Hutukara*, que desabou sobre os ancestrais yanomami, marcando o fim do primeiro tempo. Por isso, seu nome é *mareaxi* ou *xitikarixi*, que também significa estrelas. Em um outro sonho viu os *napês* se apropriando e utilizando diversos minérios. Nele, observou vários indivíduos com grandes máquinas, extraindo e raspando blocos enormes destes minérios com os quais faziam painéis e outros tipos de materiais e utensílios de metal. No entanto, via também que, assim que estes utensílios eram finalizados, liberavam uma fumaça de metal amarela e densa que ia infestando todo o ambiente com sua toxicidade. Sonhou, também, com imagens de garimpeiros destruindo toda a floresta em busca de ouro e, quanto mais tentavam, mais destruíam tudo, porém sempre em vão, pois *Omama* e os *xapiris*, especialmente os espíritos da vertigem *mõeri* e os espíritos *tatucanastra*, sempre conseguiam desviá-los do ouro que buscavam. No mundo onírico conseguia ver imagens de *Omama* enterrando o ouro e protegendo-o, cercado com espíritos do vendaval *Yariporari* e espíritos guerreiros dos ancestrais dos brancos, *napënapëri*. Deste modo, no mito yanomami, minérios como ferro, ouro, cassiterita e urânio estão debaixo da terra, guardados por seres e espíritos, para o bom funcionamento do planeta terra, criado por *Omama*. Caso os brancos continuem a tirá-los do lugar a que pertencem, nada irá conseguir sobreviver e a floresta, juntamente com tudo que há, irá desaparecer. Desta maneira, então, faz-se claro que a cosmologia yanomami, incluindo suas visões oníricas, são essenciais para aquilo que levou Davi Kopenawa a se tornar um porta-voz de seu povo: a necessidade, cada vez mais urgente, de se defender a floresta que está sendo prejudicada pelos brancos, chegando em um verdadeiro limite que irá prejudicar a todos. Assim Kopenawa diz: “É para acabar com isso que quero fazer com que eles ouçam as palavras que os *xapiri* me deram no tempo do sonho” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.361) Neste mesmo capítulo, o autor conta um dos mais importantes sonhos que teve, quando estava extremamente doente e com febre, com malária. No sonho, ele relembra que foi até o mundo subterrâneo e se encontrou com o espírito da terra *Maxitari* e, logo em seguida, viu a imagem estrondosa do pai do ouro, gigante e repleto de fumaça de epidemia em sua volta. Kopenawa o caracteriza como um ser maléfico e absurdamente assustador e feroz e que, depois deste sonho, teve certeza de que os brancos têm que parar de tentar se apoderar destes metais e minérios que estão nas profundezas da terra pois, estão lá por um motivo. Na visão yanomami, o ouro, assim como estes outros metais, quando ainda está em seu formato de origem, ele é um ser vivo. Porém, quando é derretido para se transformar em bens para os brancos, ele morre e solta o seu sopro letal, chamado de *oru a walixi* ou a fumaça do ouro. Estes perigosos processos de arrancar substâncias da terra e levar para as fábricas, acabam fazendo com que se exale, por toda a cidade dos *napês* e, conseqüentemente, por todo o mundo, uma poeira fina que, aos poucos, vai se tornando fatal para os seres humanos, invadindo, como um veneno, todas as partes do corpo. Tudo isso faz parte daquilo que os yanomami chamam de epidemia *xawara*, epidemia mortífera que foi trazida pelos brancos

advindas das fumaças de metais produzidas por garimpeiros, que vem colocando não só a floresta e o povo yanomami em risco, mas todos os seres vivos que habitam a terra. De acordo com o autor, a epidemia *xawara* não tem preferências, ela ataca a todos. No entanto, os primeiros a serem atingidos são os povos indígenas, especialmente idosos e crianças, como Kopenawa exemplifica, ricamente, no seguinte trecho:

Tudo isso se mistura, para se tornar uma única epidemia *xawara*, que dissemina por toda parte febre, tosse e outras doenças desconhecidas e ferozes que devoram nossas carnes. Essa *xawara* que invade a floresta inteira vai fazer de nós tatus esfumaçados para saírem da toca! Se o pensamento dos brancos não mudar de rumo, tememos morrer todos antes de eles mesmos acabarem se envenenando com ela! Quando essa fumaça densa e pegajosa nos atinge pela primeira vez, é muito perigosa para nossas crianças, nossas mulheres e nossos idosos. Eles têm uma carne que ainda desconhece sua força maléfica e, assim, ela consegue matá-los quase todos de uma vez. Foi o que aconteceu com meus parentes, no passado, com a epidemia de sarampo de Toototobi, aquela que por pouco não matou a mim também! Agora, é a malária dos garimpos, também muito agressiva, que tememos. Assim é. O sopro vital dos habitantes da floresta é frágil diante dessas fumaças de *xawara*. (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.363)

Já no capítulo 18 “Casas de Pedra”, Kopenawa, antes de contar como foi a experiência de sua primeira viagem para a terra dos antigos brancos, a Inglaterra, diz que já a tinha visto em sonho, quando estava muito doente, com malária. O autor diz que existem casas de espíritos lá e que, em sonho, viu uma enorme fonte de água, na qual os espíritos se banham. Estes espíritos, por mais que os brancos não se conectem com eles, são imagens de seus ancestrais, chamados de *napënapëri*. Quando já estava na Inglaterra, pela primeira vez, Davi relata que muitas vezes, durante a noite, via a imagem destes espíritos antigos dos brancos e conseguia se conectar com eles. Diferentemente do que se possa imaginar, querem preservar a beleza das suas terras e protegê-las de doenças e epidemias, porém, os brancos contemporâneos não escutam seus antepassados e não conseguem enxergar as imagens de seus ancestrais. Com a criação das cidades grandes e a aproximação das palavras de *Teosi* – deus cristão – houve um distanciamento do branco com estes antigos espíritos, fazendo com que a mente dos *napës* ficasse obscura e eles não conseguissem enxergar a realidade das coisas com clareza. Já em um outro sonho da viagem, Davi Kopenawa relata que viu a imagem das mulheres abelhas do primeiro tempo. Neste sonho, elas saíam falando seus nomes para todo o canto, com a finalidade de chamar a atenção do ancestral *irara hoari*, que coletava o mel que elas produziam. Atordoado, o ancestral tropeçou em uma raiz de árvore e, com muita raiva, gritou em direção a elas, fazendo-as correr para todos os cantos da floresta, tentando se esconder. Algumas chegaram até a fugir para a terra dos brancos, que depois de compreenderem o poder de seu mel, passaram a guardá-las em caixas de madeira. Posteriormente, neste mesmo sonho, estes espíritos de abelhas foram falar com Davi dizendo que, já que ele tinha este dom de virar espírito, ele tinha a missão de falar com os brancos para conseguir abrir os olhos deles e trazer alguma

sabedoria para pararem de maltratar as árvores da floresta. As abelhas diziam para ele que, se continuasse desta maneira, todos morreriam. Depois deste sonho revelador, Davi, ao palestrar para os brancos na Inglaterra, contou toda a situação que vivenciou no mundo onírico e como estas ancestrais abelhas se sentem muito ameaçadas perante os *napês*. Assim como os povos indígenas, elas querem, a qualquer custo, mostrar e escancarar a importância de se defender a floresta. Em seu discurso Kopenawa disse:

Por isso eu declarei aos brancos: “Vocês repetem muito que amam o que chamam de natureza. Se é mesmo o caso, parem de só discursar, defendam-na de verdade! Vocês precisam nos ajudar a proteger o que ainda resta da floresta. Todos os seus habitantes já nos falam com medo de desaparecer. Vocês não vêem dançar suas imagens e não ouvem seus cantos em seus sonhos. Os xamãs, ao contrário, sabem escutar sua angústia e elas lhes pedem para falar com vocês, para que a sua gente pare de comer a floresta”. (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.403)

Por fim, no capítulo 20 “Na Cidade”, o autor conta mais sobre alguns sonhos que teve sobre a terra dos antigos brancos (Europa), antes de ter, de fato, ido para lá em estado de vigília. Nestes sonhos, Kopenawa relata que conseguia ver, do alto, muitas casas e prédios com luzes extremamente fortes. Dentro destas casas, imagens de peles de animais de caça, como peles de ursos e veados, apareciam como o principal item de decoração. Quando acordava, lembra-se que costumava perguntar para os xamãs mais experientes o que era aquilo que sonhava e eles, calmamente, respondiam que aquilo era simplesmente a terra dos brancos e que, logo mais, estes não indígenas iriam chamá-lo para ir visitá-los e palestrar, situação que, alguns anos depois, realmente se concretizou. A primeira viagem que conta, neste capítulo, é a viagem que fez a Paris, ou, *kawëhei urihi*, a terra que treme, nome que os espíritos *xapiris* de Kopenawa deram para a cidade, uma vez que assim que desceu do avião, o xamã se sentiu intensamente tonto e cambaleante. O autor aborda que, nesta viagem, durante a noite especialmente, por estar acostumado a dormir no silêncio da floresta, sentiu muita dificuldade em pegar no sono, sentindo, constantemente, vibrações fortes vindas do chão e barulhos altos de carros e trens e um desconforto geral causado pelo frio e pelo fato de estar imerso no ambiente caótico de uma cidade grande como aquela. Em uma noite específica, ele começou a sentir altas temperaturas no corpo, sentindo-se muito mal e, ao tentar dormir, parecia que era puxado para um vazio intenso. Logo depois, todo o prédio em que estava hospedado começou a desmoronar, assim como a cidade inteira, fazendo com que ele tivesse uma sensação de estar caindo no vazio e como se, naquele momento, fosse morrer. Finalmente, seus espíritos *xapiris* conseguiram salvá-lo. Até o fantasma de *Omama* chegou a ajudá-lo. Acordou assustado, gritando, e nervoso com o que tinha acabado de experienciar. Compreendeu, então, que eram os espíritos *napënapëri*, dos antigos brancos, testando-o. Nas próximas noites desta marcante viagem, percorreu lugares lindos, onde moram estes espíritos ancestrais dos brancos, em altas montanhas. Viu também as árvores *amoa hi*, espíritos de árvores nas quais colhem

seus cantos e que lhe deram o encorajamento que ele necessitava para conseguir falar e discursar para os brancos não indígenas em suas viagens. Estes espíritos se comunicavam com Davi e diziam:

Diziam-me: "Fique atento! Dê a eles suas palavras numa voz firme, e não se deixe enganar por vagas mentiras! Eles têm de defender a floresta de fato! Se todas as suas árvores grandes forem derrubadas e queimadas, não voltarão a crescer. Por mais que os brancos tentem plantar outras, nunca terão a força das que o ser da fertilidade *Ně roperi* fez crescer no primeiro tempo. Só elas sabem fazer o vento e a chuva circular em suas copas, para que os espíritos das plantas e dos animais possam matar a sede e se banhar. Sem elas, a terra morrerá!". (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.424)

Os sonhos que Davi Kopenawa teve em Paris foram muito importantes porque eram os únicos momentos em que o xamã conseguia, de fato, se conectar com os espíritos dos antigos brancos e com os espíritos das mulheres estrangeiras *waikayoma*, conseguia, assim, entender melhor seus direcionamentos nas falas para os brancos. Depois de algum tempo, quando finalmente conseguiu se recuperar da intensa viagem para Paris, Davi Kopenawa foi chamado para ir à cidade de Nova York. Não viu outra alternativa senão a de aceitar o convite, pois todos os seus estavam morrendo de malária. A epidemia continuava, mais forte do que nunca, e as queixas que fazia não haviam trazido nenhuma mudança efetiva. Nesta viagem, o xamã estava completamente determinado a fazer com que o povo de Nova York, poderoso no mundo ocidental, escutasse a mensagem urgente que ele levaria, a de tentar convencê-los da importância de se lutar pela floresta, e os perigos que os garimpeiros causam em terras brasileiras. No ambiente desta grande cidade, o autor ficou abismado com o modo como os indivíduos de lá vivem, empilhados uns em cima dos outros, uma verdadeira selva de pedras repletas de epidemias e doenças. Kopenawa também percebia o olhar triste e preocupado dos habitantes da cidade, que não pareciam estar satisfeitos morando naquelas condições. Refletiu, também, sobre a quantidade de pessoas que moram nas ruas, não só lá, mas em todas as dinâmicas de cidades grandes, pessoas que são completamente esquecidas, abandonadas. Como a população aceita tal fato? Como ignoram tanto sofrimento com o outro, que pertence à sua própria comunidade? Esses foram alguns de muitos questionamentos que ele fez enquanto estava na cidade. Nesta viagem, Davi Kopenawa voltou a ter uma crise de malária, que piorou com os barulhos ensurdecedores que tinha que ouvir a todo momento. No momento dos sonhos, assim como nas outras cidades que visitou, se conectava com os espíritos dos antigos brancos, cada vez mais numerosos à sua frente. Via também alguns espíritos de seres trovão, seres dos raios, dos ancestrais onça e os espíritos *japim ayokorari*, que são conhecidos por exterminar doenças e aparecem, com frequência, para quem está com problemas de saúde e debilitados. Em uma das noites, sonhou com a figura de uma moça das águas, uma das irmãs de *Th uëyoma*, a esposa de *Omama*. Esta moça era muito bela, e tinha a parte superior do corpo de ser humano, e a parte de baixo de peixe. Ela derramava

água com muita calma e destreza na testa de Kopenawa, o que fez com que ele fosse se sentindo melhor. No mito yanomami, essa mulher das águas se perdeu da floresta e foi parar debaixo de uma grande ponte na atual cidade de Nova York e os brancos a conhecem como sereia. Ademais, em outra noite, o xamã teve um sonho que o deixou extremamente preocupado. Nele, viu o céu completamente inundado pelo fogo e pelo calor da fumaça que saem das fábricas. Muitos espíritos ancestrais, como os do trovão e dos raios, estavam cercados por altas quantidades de fogo. Logo em seguida, o céu passou a desmoronar sobre a terra. Nesta vivência no mundo onírico, Davi Kopenawa teve absoluta certeza da importância de seu papel, o de comunicar as terríveis coisas que podem acontecer se atitudes não forem tomadas. De acordo com Davi, nos locais onde os brancos vivem, o céu já é mais baixo por conta das grandes quantidades de minérios e petróleo que são retirados e usados em fábricas, tornando, assim, o céu extremamente frágil. Neste mesmo sonho, vários espíritos xapiris tentavam tudo para curar este céu, revivendo-o ao jogar enormes quantidades de água sobre o fogo. Eles gritavam para os brancos: “Se vocês destruírem o céu, todos vão morrer com ele!”. Mas estes não davam nenhuma atenção a seus gritos de alerta.” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.432). Em um último sonho, por fim, ele começou a ouvir estalos muito altos vindos do céu, que parecia estar em uma espécie de movimento. Então, ouviu a voz da imagem do céu, chamado de *Hutukarari*, que disse para o xamã: “Mã! Não é nada! Fiz isso para testar sua vigilância! Às vezes faço o mesmo para que os brancos me ouçam, mas não adianta nada! Só os habitantes da floresta mantêm os ouvidos abertos, pois sabem virar espíritos com a yãkoana. Os dos brancos ficam sempre fechados. Por mais que eu tente assustá-los para alertá-los, eles permanecem surdos como troncos de árvore! Mas você me ouviu, isso é bom!”. (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p.432). Estas viagens para as cidades grandes dos brancos, juntamente com sua sabedoria ancestral enquanto um xamã yanomami, fez com que Kopenawa se tornasse um gigante porta-voz, não só dos indígenas yanomami, mas da floresta brasileira como um todo, lutando contra uma perspectiva ocidental apática, moldada no extremo da racionalidade e da individualização. De acordo com o autor, cada vez que vai para alguma cidade grande dos brancos, como foi o caso de Paris, Inglaterra ou Nova York, ele retoma sua conexão com *Omama*, com os espíritos *xapiris*, e com sua sabedoria de ancestralidade para conseguir desenvolver a melhor fala para que, quem sabe, prestem atenção na importante mensagem que carrega. Kopenawa traz, então, o necessário questionamento perante a ocidentalização. Para ele, viver nas grandes metrópoles, desconectado e destruindo a natureza, é viver completamente obscurecido em pensamentos, não conseguindo enxergar a realidade daquilo que é. Finalizando, nas palavras de Davi Kopenawa:

Os brancos, com suas mentes fincadas nas mercadorias, não querem saber de nada. Continuam a estragar a terra em todos os lugares onde vivem, mesmo debaixo das cidades onde moram! Nunca passa pela cabeça deles que se a maltrataram demais, ela vai acabar revertendo ao caos. Seu pensamento está cheio de esquecimento e vertigem. Por isso eles não têm medo de nada

3 | CONCLUSÃO

Tudo isso considerado, retomo aqui uma grande coincidência que ocorreu no processo da criação deste relatório. No início de junho de 2022, a professora orientadora Mariza Werneck, me mostrou que haveria, neste mesmo mês, um lançamento do livro “O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami”, de uma antropóloga chamada Hanna Limulja. Nesta obra, a autora, além de relatar sua experiência pessoal com os yanomami do *Pya ú*, na qual chegou a ouvir e recolher mais de cem sonhos – desde crianças até xamãs da comunidade - ela também traz vários aspectos que demonstram a importância do material onírico para compreender determinado espaço sociocultural. Sua obra, então, além de ter me surpreendido muito, uma vez que, como já foi dito anteriormente neste relatório, o sonho ainda é uma área que, apesar de rica, é pouco explorada dentro da antropologia e das ciências sociais, foi essencial para a reafirmação deste tema, juntamente com a compreensão de sua importância, servindo como uma espécie de guia e de motivação de seguimentos, rumos e interpretações de uma antropóloga mais experiente. Durante este processo de um ano de estudos e análises, faz-se claro entender que o sonho, para o povo yanomami, muito mais do que um fenômeno psicológico, é uma das formas mais essenciais e transcendentais de se obter conhecimento e de adquirir sabedoria sobre todas as questões que rondam a humanidade. O sonho se torna, de acordo com Limulja, um dos mais elevados instrumentos de resistência do povo yanomami, uma potência onírica que foi se perdendo no ocidente moderno e pragmático. Há uma resistência, intrínseca aos yanomami, contra o extermínio de uma cosmovisão, uma forma de se enxergar a vida e o conhecimento que difere do pensamento hegemônico da sociedade ocidental. Para Hanna Limulja: “Esta é a forma que eles fazem política. É preciso aprender a fazer política como os yanomami. Para fazer política, é preciso sair de uma visão individualista, é preciso do outro e é preciso ter cuidado, pensar no outro.” (LIMULJA, 2022, p.19) Na civilização ocidental, o sonho, ao invés de cumprir um papel de conexão com o outro, com a existência social e com a autopercepção diante do mundo, torna-se uma ferramenta meramente individualizada de evasão. Tal fato já foi abordado pelos mais diversos autores, nos mais diversos contextos e épocas, como Roger Bastide, Carl Jung, Hanna Limulja, Eduardo Viveiros de Castro, Davi Kopenawa & Bruce Albert, e muito mais. Carl Jung, por exemplo, traz a análise de que a concepção ocidental, voltada ao lógico, racional e tradicional, é o extremo oposto daquilo que é, essencialmente, o mundo onírico e os sonhos, desconhecidos, fantásticos, sem linearidade e com muitas representações sensoriais. Há uma falta de conexão com este conteúdo da inconsciência que precisa ser resgatado. Jung diz:

Nada nos autoriza a conceber a vida, em geral, sob um ponto de vista exclusivista, arbitrário e materialista, que nunca será provado. Tampouco

temos o direito de reduzir a psique a um mero processo cerebral, sem contar com o fato de que todas as tentativas em tal sentido são absurdas em si mesmas e resultaram sempre em absurdos todas as vezes que foram empreendidas. O fenômeno psíquico deve ser considerado, pelo contrário, em seus aspectos psíquicos e não como um processo orgânico e celular. (JUNG,2021, p.103).

Desta maneira, depois da minuciosa análise feita da onirografia de “A Queda do Céu”, faz-se claro que Davi Kopenawa, com o auxílio de Bruce Albert, usa seus sonhos, que são experiências únicas e pessoais, para se abrir e falar sobre o todo, sobre seu povo, sobre seres metafísicos, sobre os não indígenas e sobre questões e perigos que concernem a toda a humanidade. Os sonhos do xamã, na obra, servem de fio condutor ao livro como um todo, e conecta tudo aquilo que se passa na experiência da vida em estado de vigília. Assim, há de se tornar clara a necessidade de trazer, assim como os indígenas yanomami, o sonho como resistência, o sonho como ato político. Os sonhos yanomami, especificamente os dos xamãs, se nutrem, em sua dimensão social, com uma conexão cultural de ancestralidade e uma forma de se perpetuar os mitos yanomami e suas cosmovisões. Visões estas que estão, constantemente, sendo alvo de ataques e extermínios, justamente por trazerem à tona a integração, a conexão, a defesa da floresta e da comunidade. Há de se resgatar o que os povos indígenas estão alertando sobre tudo aquilo que vem assolando os seres humanos, tudo aquilo que os *napês* vem causando em sua busca incessante por sempre mais. Há que se usar o saber indígena como ponte para o entendimento e a transformação da esfera moral, há de se compreender que toda a violência, direta ou indireta, que o povo yanomami vem sofrendo, durante décadas, vem exterminando um povo que escancara e coloca em xeque, com sua sabedoria ancestral, tudo aquilo de mais absurdo que a sociedade ocidental vem desenvolvendo, desde a época da colonização. Cria-se a necessidade de refletir: Por que sonhar? Qual a importância de ouvir, sentir e analisar os sonhos e mais, os sonhos dos xamãs do povo yanomami? Finalizo, então, com um trecho tirado do livro “O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami”, trecho este que traduz, resumidamente, a resposta, ou pelo menos uma parte da resposta que encontrei neste ano de pesquisa:

Apresento os sonhos yanomami às pessoas que nunca sonharam a floresta e que talvez nunca tenham ouvido falar dos yanomami. Para que conheçam um pouco de sua história, de sua vida, de seus pensamentos, e para que possam, por sua vez, sonhar com outro modo de ser diferente do nosso, e que por isso mesmo tem muito a nos ensinar. (LIMULJA,2022, p.21)

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger – **Sociologia e Psicanálise**. São Paulo: Melhoramentos /Edusp, 1974.

ELIADE, Mircea – **Mitos, Sonhos e Mistérios**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREUD, Sigmund – **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

JUNG, Carl Gustav – **Sonhos**. Petrópolis: Vozes, 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMULJA, Hanna – **O Desejo dos Outros: Uma Etnografia dos Sonhos Yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

RIBEIRO, Sidarta – **O Oráculo da Noite: A história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STRAUSS, Claude Lévi – **O Pensamento Selvagem**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1976.